



08

tríade
comunicação, cultura e mídia

artigos

Roland Barthes contra Roland Barthes: o signo, da semiologia à semioclastia

Luis Felipe Silveira de Abreu

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, RGS, Brasil. Contato com o autor: paraluisabreu@gmail.com

Alexandre Rocha da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, RGS, Brasil. Contato com o autor: arsrocha@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe uma retomada do pensamento de Roland Barthes sobre o signo, com o objetivo de demonstrar sua atualidade e pertinência para o pensamento semiótico e comunicacional. Para isso, parte-se a uma revisão crítica de seus ensaios semióticos, na constituição de um percurso teórico que vai de seu conceito de semiologia à Teoria do Texto, destacando aí os pontos de ruptura e as inversões metodológicas de sua obra. A partir daí e por fim propõe-se o estudo da ideia de semioclastia, enquanto ferramenta semiótica e política, capaz de oferecer uma visão outra aos objetos de pesquisa do contemporâneo.

Palavras-chave: Roland Barthes. Signo. Semiologia. Semioclastia. Teoria da Comunicação.

Abstract: This work proposes a resumption of the thought of Roland Barthes about the sign, seeking to demonstrate its relevance to semiotic and communicational thinking. For this, a critical revision of his semiotic essays is set up, in the constitution of a theoretical path that goes from his concept of semiology to the Theory of the Text, highlighting there his points of rupture and methodological inversions. From this point on, we propose the study of the idea of semioclasm, as a semiotic and political tool, capable of offering a different view to contemporary research objects.

Keywords: Roland Barthes. Sign. Semiology. Semioclasm. Communication Theory.

Quero com isso dizer que não posso apenas afirmar que Barthes está no seu texto, porque também posso, a qualquer momento, ter a impressão que ele está contra o seu texto.

Alain Robbe-Grillet

1. Introdução: um teatro do pensamento incerto

“Eu deveria começar por interrogar-me acerca das razões que inclinaram o Colégio de França a receber um sujeito incerto, no qual cada atributo é, de certo modo, imediatamente combatido por seu contrário” (BARTHES, 2013, p. 7).

Com tais palavras se inicia a primeira fala de Roland Barthes enquanto professor do Collège de France, no discurso célebre de 1978, que foi publicado enquanto *Aula*. Há aí a assunção de uma idiossincrasia pessoal, o reconhecimento de um traço particular a ele sempre imputado, ora enquanto crítica, ora enquanto elogio: a mobilidade das ideias e posições, capazes de mudarem e mesmo de se antagonizarem com rapidez. Sujeito incerto se afirma o crítico e semiólogo, e nos interessa aqui precisar os movimentos que levam à tal incerteza, potência anímica de um trabalho conceitual com a linguagem que, acreditamos, se encontra um tanto esquecido na pesquisa em Comunicação.

É refletindo essa já assumida infidelidade que se encontra a maioria dos trabalhos sobre o pensamento de Barthes, como provam pesquisas sobre sua fortuna crítica. Por exemplo: Leyla Perrone-Moisés (1983; 2013), uma das principais estudiosas do pensador, tem por costume dividir sua obra em momentos distintos, fases de interesse focadas ora no Estruturalismo, ora no Texto, ora no prazer – fases de fuga e reinvenção daquilo que chama, com o charme do paradoxo, de “mestre anarquista” (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 69). Mas isso não vai sem seus ruídos e contrapontos: Leda Tenório da Motta (2011), por outro lado, ainda que reconheça e afirme a proliferação e os momentos de virada das investigações barthesianas, opta por uma abordagem distinta, no que assemelha às contradições internas. Em referência a leituras como as de Perrone-Moisés, afirma sua distância: “O estado da arte de Barthes nos deixa desconfiar que, por mais que ele quisesse e fosse esse sujeito incerto e impuro, terá sido também, surpreendentemente constante” (MOTTA, 2011, p. 20). Essa constância se vê nesse comentário com a eleição de um fio condutor, subjacente a diversos conceitos e reflexões, e só tardiamente explicitado: a ideia de Neutro.

Não tanto a um, não tanto a outro: posicionamos os objetivos do presente artigo na intersecção de ambos os pontos de vista. Se as alterações de pontos de vista são nítidas, e as cisões por vezes violentas, parece haver um impulso comum que move essas iniciativas de abalo, como se lê também na autorreflexão presente em *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003, p. 85), prefácio à confissão de *Aula*: “Uma doxa (uma opinião corrente) é formulada, insuportável; para me livrar dela, postulo um paradoxo; depois esse paradoxo se torna grudento, vira ele

próprio uma nova concreção, uma nova doxa, preciso ir mais longe em direção a um novo paradoxo”. Nosso interesse – em simultâneo ao resgate de uma visão mais ampla do trabalho de Barthes como central ao pensamento contemporâneo da Semiótica e da Comunicação – é de apontar os modos e momentos pelos quais tais doxas se tornam paradoxos, em um trabalho que encapsula a noção de *crítica* (cf. BARTHES, 2007) enquanto ato de escrever sobre uma escritura prévia e a colocar em uma crise contínua de sentidos¹.

Se há um fio para além desse impulso crítico, um fio conceitual como quer Motta (2011), é mais um fio de Ariadne², percurso com um fim e um objetivo em mente, mas que só os alcança através de voltas e recuos, perscrutando cada canto do labirinto. Como tal fio podemos conceber o próprio conceito de *signo* e seu estudo pela *semiologia*. Eleição presente já em Barthes (2013, p. 8), que ao reconhecer sua incerteza, concede um tanto aí: “E se é ainda verdade que, desde muito cedo, liguei minha pesquisa ao nascimento e ao desenvolvimento da semiótica, é também verdade que tenho pouco direito de a representar, tendo sido tão propenso a deslocar sua definição”. Diagramar as transformações já exaustivamente aqui alardeadas nos parece ser acompanhar o trânsito de sua própria noção de semiologia, que acompanha e reflete os dilemas de implantação, consolidação e reinvenção dessa disciplina pelo século XX – visada que contém em si toda essa luta, como se vê também em outros artigos engajados na diacronia barthesiana, sempre marcados por termos como a “semiologia do impasse” (SILVA, 2005) ou o “semiólogo nômade” (BOCCA, 2003)³.

A incerteza, o impasse, o nomadismo: mais próximos ainda estamos da curiosa imagem que Susan Sontag (1986, p. 127) – outra das catedráticas em Barthes, também a ser resgatada aí – erige para seu pensamento: “E algo do teatro, um profundo amor pelas aparências, colore sua obra desde que começa a exercer, com força total, a vocação de escritor. Sua percepção das ideias era a percepção do dramaturgo: uma ideia estava sempre em competição com outra”. A obra barthesiana como uma peça que põe em conflito seus personagens-conceitos, vista como um *teatro semiológico* – à luz disso, nossa operação é a de contar uma história alternativa da semiótica barthesiana, narrada pela voz de Barthes mesmo.

Essa história outra nasce, como não poderia deixar de ser, na história mesma, a oficial: e nosso registro desse teatro bélico toma por início o Roland Barthes de primeiro momento, aquele que será revisitado pelos posteriores. A recuperação se dá pelo ponto central de cisão aí identificado, aquele mesmo que o liga e o distancia dos debates semióticos contemporâneos: seu

1 Veja-se uma definição do ensaio *Escritores, intelectuais, professores* (BARTHES, 2004d, p. 404): “Entretanto, criticar (fazer crítica) é por em crise, e não é possível por em crise, sem avaliar as condições da crise (os seus limites), sem levar em conta o seu momento”. Não apenas instalar a crise, mas fazê-lo na escritura de suas condições de existência, como nos parece ser o permanente autoexame barthesiano, sempre procurando os pontos frágeis, passíveis de desmanche.

2 Personagem da mitologia grega, notória por auxiliar Teseu a não se perder no Labirinto de Creta: Ariadne cedeu ao herói um fio de lã, seguro em uma das pontas, para que ele pudesse traçar seus caminhos pela masmorra.

3 Dado seu grau de influência em áreas tão diversas quanto a Comunicação, a Literatura e a Linguística, a obra de Barthes conta com uma extensa fortuna crítica. Aqui não nos deteremos em uma revisão desses textos, sendo nosso objetivo menos o de realizar uma retomada por toda extensão de seu pensamento, e mais do de recalculá-la a partir de sua visão do signo – aspecto presente, ainda que não de forma central, nos trabalhos até aqui citados, como de Perrone-Moisés (1983).

desenvolvimento do conceito de *semiologia*. Saussureano de saída, mas modelizado aqui pelos interesses literário-linguísticos, é esse conceito – e as construções teóricas que o circundam aí – que, como já expomos, encapsulam a imagem de Barthes no campo da Semiótica e da Comunicação; ainda que dele o pensamento barthesiano derive, incomodado com sua fixidez. Cabe aqui apontar porquê e, sobretudo, como.

O como: na curva de virada dessa dramaturgia, o ponto de conflito se dá com a primeira distância dessas ideias, motivada sobretudo pela concepção da ideia de *Texto*. O Texto e a escritura são assumidos como objetos de pesquisa do semiólogo e, assim, passam a desmontar algumas das certezas iniciais do pensamento barthesiano.

O Texto muda tudo, e muda a própria perspectiva da função e da importância da investigação semiológica: por fim, nos interessa realinhar o debate prévio ao unir essas duas pontas da reflexão. Se a semiologia e o estruturalismo são rechaçados em seu “estatismo” (BARTHES, 2004), a favor da produtividade textual, elas nunca são de todo abandonadas, e nosso ponto de chegada é a percepção de uma *crítica semiológica da semiologia*: o retorno ao conceito para destacar os outros modos de operação que dele se depreendem. Menos uma semiologia dos modelos e classificações, Barthes parte à ideia de uma desconstrução dos signos, que destacaremos à parte da noção de *semioclastia*. Síntese crítica das para-doxas amalhadas em seus textos, imagem da circunvolução desse pensamento e, no espaço de debate deste artigo, ferramenta teórica a ser experimentada nas pesquisas no presente.

Por fim: lembremos que *Roland Barthes por Roland Barthes* é menos uma autobiografia do que uma “alterografia”; o eu visto fora de si e descrito como outro, coro grego do teatro de si próprio. “Roland Barthes *contra* Roland Barthes” não poderia se furtrar de uma torção nos passos dessa: menos a disputa encarniçada entre duas visadas conflituosas e inconciliáveis, do que certa dança de contrários, que se desenvolvem juntos, com momentos de maior e menor afastamento. Ao traçar desse movimento é que nos dedicamos agora.

2 Pela semiologia: primeira aventuras e desventuras do signo

As cortinas abrem para o primeiro ato a partir da apresentação dessa singular personagem, em torno da qual girará todo o drama (se em drama for possível falar em meio a essa poética brechtiana): a *semiologia*.

É sob a luz dessa ideia que o crítico literário iniciará suas experimentações estruturalistas, indo a se tornar mesmo um dos principais nomes na difusão de tal movimento teórico (cf. DOSSE, 2007). Mais que essa história de institucionalização, nos interessa cartografar as vias que Barthes percorreu em sua relação com o pensamento semiológico, indo verificar como o pesquisador informou o próprio conceito de semiologia em sua obra, e, em um gesto duplo, também verificar como esse operador teórico modulou suas primeiras investigações (e já lançando as linhas de suas ramificações, como se verá).

O interesse que desperta a curiosidade para a semiologia enquanto sistema teórico e

locus de investigação se lê de forma bastante explícita em um breve texto datado de 1964, chamado “A cozinha do sentido” (BARTHES, 2001). Carta de intenções, o ensaio localiza seu campo de pesquisa em certa matéria do mundo compreendida enquanto comum e banal: “Uma roupa, um carro, uma iguaria, um gesto, um filme, uma música, uma imagem publicitária, uma mobília, uma manchete de jornal, eis aí, aparentemente, objetos completamente heterogêneos. Que podem ter em comum?” (BARTHES, 2001, p. 177). Aí, uma observação bastante ampla e eclética, que reúne temas tão disparatados, ligados pelo laço do cotidiano; mas para além dessa aproximação superficial, o que justificaria sua reunião no corpo de um trabalho reflexivo-científico? Dúvida formulada aí, e em seguida respondida: “Pelo menos o seguinte: todos são signos” (BARTHES, 2001, p. 177). E a reflexão sobre tais signos, apartada de uma perspectiva empirista de discussão desses objetos do dia-a-dia, vai tentar ler suas mensagens e valores veiculados enquanto discurso: reflexão que se denomina aí semiologia.

A irrupção do termo signo, na sua relação com os objetos, e o modo como ela encaminha a perspectiva metodológica – que se vê em trechos como: “O que conta é poder submeter uma massa enorme de fatos aparentemente anárquicos a um princípio de classificação, e é a significação que fornece esse princípio” (BARTHES, 2001, p. 178) – nos leva de volta à fonte de inspiração desse movimento barthesiano: o projeto de Ferdinand de Saussure. É, como se sabe, o linguista suíço que introduz a Semiologia, e é possível compreender melhor tanto seus objetivos quanto o interesse de Barthes por seu conceito a partir da primeira definição presente no *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 2006, p. 24, grifo do autor): “Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia*”.

Seguindo com atenção esse programa, a semiologia serve a Barthes de momento enquanto instrumento heurístico de leitura dos sentidos presentes nesses objetos em sua constituição sêmica; e a noção de uma “cozinha dos sentidos” presente aqui já demonstra sua tendência em destacar menos os significados das falas do que seu processo produtivo, as transformações semióticas que a linguagem impõe às matérias cruas nos trânsitos de sua “vida social”.

Mas um passo atrás ainda, para demarcamos os contornos dessa semiologia inicial e como ela é apropriada aqui. A noção de uma investigação crítica que tome o conceito de signo enquanto operador de leituras aparece já nas *Mitologias* (BARTHES, 2013b), recolhidas e publicadas em 1957. Aí, o crítico analisa uma série de discursos e imagens da cultura de massa crescente à época, como reportagens de jornais, programas de televisão e anúncios publicitários. Já em seu prefácio, o livro declara o impulso de pôr em prática suas recentes leituras saussureanas, a partir da “convicção de que, tratando as ‘representações relativas’ como sistemas de signos, seria talvez possível sair da denúncia piedosa e revelar em detalhe a mistificação que transforma a cultura pequeno-burguesa em natureza universal” (BARTHES, 2013b, n.p.)⁴. As análises partem aí de uma identificação das duas faces do signo – significante e significado – para discutir e demonstrar determinados modos de acoplamento de um a outro,

4 Essa admissão, presente em *Mitologias*, de uma primeira apropriação do pensamento de Saussure é

destacando sobretudo a operação conotativa, que torna um signo o significante de outro, oculto, em uma espécie de parasitismo de sentidos, veículos para a ideologia burguesa que, hipótese inicial, impregna os produtos midiáticos. Atente-se à importância da semiologia aí, como na formulação da “Cozinha dos sentidos”, em afastar uma ideia de análise dos “fatos brutos” do mundo, além de, semente do afã estruturalista vindouro, a insistência no reconhecimento dos sistemas que sustentam a significação: “Todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito toma a significação por um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual, ao passo que ele é, apenas, um sistema semiológico” (BARTHES, 2013b, p. 152)

O desenvolvimento dessa semiologia mitológica já apresenta suas particularidades e distâncias para com o conceito saussureano, com seus ganhos e perdas⁵. De modo específico, enfoquemos na aplicação da leitura semiológica em outras linguagens para além da fônica, talvez o traço distintivo mais claro a apartar Barthes de Saussure neste primeiro momento – radicalizado ainda nos *Elementos de semiologia* (BARTHES, 2006), que compilam e expandem suas investigações iniciais. Nas mitologias o esquema saussureano e sua concepção de signo passam a ser aplicados a uma multiplicidade de objetos das mais diferentes matrizes de linguagem para além da verbal, como fotografias, peças gráficas de publicidade, imagens cinematográficas, etc. Se de início contraintuitivo, o movimento se mostra central ao avanço da pesquisa semiológica, no que postula sua capacidade e pertinência para o entendimento de todos os fenômenos de significação em sua “cozinha de sentidos”. Menos que uma bastardização, se revela o meio de efetivação do projeto de estabelecimento da Semiologia – afinal, é importante lembrar que já em Saussure (2006, p. 24) a Linguística era mais um fim do que um meio, e, no decurso do desenvolvimento da ciência semiológica esta deveria sobrepor-se àquela: “A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará destarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos”.

A despeito dessa ressonância, é também aí que aparecem as dificuldades e as primeiras rachaduras no conceito barthesiano, e menos que a potência de uma nova prática que viesse a englobar a leitura languageira, Barthes prefere inverter o esquema saussureano ao enunciar que é na Linguística e apenas nela que todas essas outras significações acham chave de leitura:

Assim, apesar de trabalhar, de início, com substâncias não-linguísticas, o semiólogo é levado a encontrar, mais cedo ou mais tarde, a linguagem (a “verdadeira”) em seu caminho, não só a título de modelo mas também a título de componentes, de mediação ou de significado. [...] É preciso, em suma, admitir desde agora a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da

que torna tal texto uma espécie de marco inicial para a exploração do conceito barthesiano de signo – ainda que já tratasse de linguagem em obras anteriores, como *O grau zero da escritura* (BARTHES, 2004c), mas em outra vertente, ainda não semiológica.

⁵ Calvet (s/d) discute, por exemplo, a tradução pouco criteriosa que Barthes realiza dos termos de signo, significante e significado, em seu esquema, para forma, conceito e mito; bem como a carência de não-utilização de conceitos como o de valor.

Linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso (BARTHES, 2006, p. 12-13, grifos nossos).

Se esse entendimento se vê transformado no decurso da obra, como é nosso objetivo evidenciar aqui, o foco na linguagem verbal e sua premência enquanto opção heurística nunca são de todo abandonados. As razões dessa orientação poderiam ser rastreadas a alguns fatores, como sua relação com a crítica literária ou a fidelidade a suas leituras de Roman Jakobson⁶, ou, de modo talvez mais preciso, na maneira como o conceito de signo se esgarça para abarcar *todos* os fenômenos – e a essa multiplicação, a pesquisa semiológica, a mando das intenções científicas, responde com a homogeneização do gesto de *leitura* (e é preciso atentar a escolha desse termo, na confirmação do furor linguageiro já identificado).

Para além daí, nos parece ser justo em um acerto de contas metodológico que Barthes encontra uma senda para além desse reducionismo logocêntrico: na localização do *Texto*⁷ enquanto objeto de análise, *corpus* constituído e formalizado por uma teoria semiótica singular, que vê o crítico desconstruir seus próprios esforços semiológicos: Roland Barthes levanta, pela primeira vez, a voz contra Roland Barthes.

3. A chegada do Texto: crises e confrontos de um novo objeto

Mitologias marca, então, o início de um esforço de constituição dessa nova teoria, e os *Elementos de semiologia* atuam no seu compartilhamento enquanto sistema de pesquisa formalizado. Para além daí, e na trilha desses estudos, surgem outros esforços de desenvolvimento semiológico, responsáveis por colocar a Semiologia, em conjunção ao nascente Estruturalismo, no centro das atenções – e sempre com a presença barthesiana a rondar, como na célebre edição da revista *Communications*, editada por ele, dedicada à análise estrutural da narrativa, em 1966 (cf. DOSSE, 2007). Se esse interesse e sua institucionalização marcam a consolidação da semiologia como ciência – objetivo inicial de Saussure e busca ativa de Barthes –, atuam também na sua transformação em corpo de mantras ou legislações, dogma seguido com fervor teológico. Dogma = *doxa*, e diante da insurgência desse velho vilão é que a dramaturgia de Barthes passa a operar uma nova virada narrativa. É a esse processo que se refere Perrone-Moisés (2013, p. 86) na sua diacronia de Barthes, localizando um ponto de exaustão e ruptura bastante claro aí: “Quando, na década de 1970, Barthes percebe que a ‘ciência dos signos’ se instala num imaginário triunfante de saber universal, para o qual o objeto particular era indiferente, ele se desloca”.

Desse trecho podemos destacar dois pontos, centrais à revolução que passa a operar no

6 Ecoa-se aí parte da crítica a que Jacques Derrida impõe ao linguista russo na sua *Gramatologia* (DERRIDA, 1973): Jakobson seria responsável por introduzir a metafísica nas interpretações e desenvolvimentos da semiologia saussureana, ensejando assim o problema do logocentrismo.

7 Barthes tem por hábito grafar Texto deste modo, com a inicial maiúscula, para demarcar a distância do conceito de uma concepção senso-comum de textualidade. Além disso, essa diferenciação implica em certo deslocamento da primazia que atribui à língua, como exploraremos na próxima sessão.

pensamento barthesiano a partir desse momento: de início a ideia da instalação em um “saber universal”, que joga o fazer crítico para o lugar do senso-comum que ele próprio se dispunha a combater de saída. Tal percepção ecoa diretamente as preocupações expostas por Barthes à época, como se vê, por exemplo, no ensaio *A mitologia hoje* (ao qual voltaremos de forma mais detida), escrito em 1971, retomando o projeto mitológico no ensaio: “Criou-se uma *endoxa* mitológica: a denúncia, a desmistificação (ou demitificação) mesma se tornou discurso, *corpus* de frases, enunciado caquético” (BARTHES, 2004d, p. 78). O mitólogo torna-se ele próprio um mito – o intelectual ácido e cheio de opiniões vaticinadoras diante da mídia de massa –, e diante as contradições de tal processo é preciso impor um gesto de recusa ou abjuração, para mantermos os termos do crítico: “Transportar-se para onde não se é esperado, ou ainda e mais radicalmente, *abjurar* o que se escreveu (mas não, forçosamente, o que se pensou), quando o poder gregário o utiliza e serviliza” (BARTHES, 2013a, p. 28, grifo do autor).

Outro aspecto a frisar na leitura de Perrone-Moisés – e que se conecta a esse primeiro, enquanto modo de “transporte” desse pensamento a perigo –, diz respeito à percepção de que, nessa sanha semiológica, “o objeto particular era indiferente”. Transformado em discurso corrente, o aparato de leitura semiológico passa a se dirigir a todo e qualquer fenômeno. O problema não se encontraria exatamente aí, em uma ontologia de “bons” ou “maus” objetos – basta lembrarmos a máxima barthesiana de que “Tudo significa” ou seu interesse pela “cozinha dos sentidos” –, mas a perspectiva que passa a guiar tais esforços. Mais um olhar aos pratos prontos do que aos ingredientes e seus processos, para mantermos a imagem da cozinha, essa semiologia codificada em saber universal seria dedicada, assim, aos significados estáticos, e daí mesmo a crítica de Barthes sobre como a desmitificação tornou-se ela própria discurso, engessada em um denunciamento pouco interessado na mecânica da significação criticada. Daí a necessidade de repensar e precisar os critérios de formação do *corpus* analítico para além – ou, de fato, *aquém* – do signo, por Barthes mesmo distendido. Vem a socorro o *Texto*.

Se já bastante explorado nas exegeses da teoria barthesiana em suas nuances teóricas, nos interessa mais aqui precisar a rede de relações na qual esse conceito se insere, resignificando a própria ideia de Semiologia presente em Barthes e fornecendo novos instrumentos para o fazer analítico. O termo “texto” é, em sua obra, de início intercambiável com a noção de escritura, como pontua Perrone-Moisés (2013), indo a adquirir consistência própria a partir de 1968 com os ensaios *A morte do autor* e *Da obra ao Texto* (BARTHES, 2004d). Chama atenção mesmo os termos metodológicos pelos quais o debate se forma: de saída, o crítico está preocupado em redefinir os termos consagrados de leitura e análise de textualidade literárias, compreendidas como obras fechadas e representacionais, antevendo a necessidade de superar as perspectivas de interpretação e decifração; à solicitação dessa urgência em mudar a perspectiva analítica, é forçoso mesmo girar os objetos, encontrar outros, noutros lugares: “Diante da *obra* – noção tradicional, concebida durante muito tempo, e ainda hoje, de maneira por assim dizer newtoniana –, produz-se a exigência de um objeto novo, obtido por deslizamento ou inversão das categorias anteriores. Esse objeto é o *Texto*” (BARTHES 2004d p. 66, grifos do autor).

Aí se vê de forma bastante aguda já a influência do trabalho de Julia Kristeva (1974), em seu retrabalho da semiologia francesa a partir de influências da semiótica bakhtiniana e sua noção de dialogismo, convertida em *intertexto*. A partir de um olhar sobre o caráter material da língua e a produtividade operada nesta, Kristeva e, daí em diante, Barthes elegem o Texto como objeto de investigação, e a *significância* enquanto elemento a ser explorado aí: “Designaremos por significância esse trabalho de diferenciação, estratificação e confronto que se pratica na língua e que deposita sobre a linha do sujeito falante uma cadeia significativa comunicativa e gramaticalmente estruturada” (KRISTEVA, 1974, p. 11). Esse ponto é central à Barthes na sua mais vertical formulação da Teoria do Texto (2004a), no que destaca a necessidade de atentar ao trabalho e ao trânsito das práticas de linguagem, capaz de dissolverem os sujeitos (daí a “morte do autor”) e as obras (“da obra ao Texto”), bem como quaisquer outras unidades fixas, perdidas em um jogo combinatório.

Retomemos as palavras de Barthes e Kristeva para evidenciar quais as regras de tal jogo: a concepção crítica e suas “categorias anteriores” da Semiologia devem ser submetidas a *deslizamento* e *inversão*, segundo a primeira formulação. A partir daí, o crítico busca a significância, no que ela pode *diferenciar*, *estratificar* e *confrontar* a língua na qual se insere o Texto. Na escolha por essa linguagem de disputa e desconstrução ficam claras as distâncias daqui aos Barthes das *Mitologias* e dos *Elementos*. É mesmo em contraponto a isso que se concebe a noção de Texto, no contexto de uma “crise do signo”, que em sua acepção clássica é “uma unidade fechada, cujo fechamento detém o sentido, impede-o de tremer, de desdobrar-se, de divagar” (BARTHES, 2004a, p. 262). Tal fechamento seria constitutivo da concepção de Semiologia até então, calcada na unidade entre significante e significado – o que passa a ser visto aí de forma bastante ácida por Barthes (2004a, p. 265):

De modo ambíguo (ou dialético) a linguística (estrutural) consagrou cientificamente o conceito de signo (articulado em significante e significado) e pode ser considerada como a consecução triunfal de uma metafísica do sentido, ao passo que, por seu imperialismo, obrigaria a deslocar, a desconstruir e a subverter o aparato da significação.

Dado seu interesse pelo aspecto material da linguagem e pela noção do Texto como trabalho, tal crítica passa pela cisão da unidade sgnica, com a eleição do significante enquanto aspecto de interesse, em uma clara subversão do conceito saussureano⁸. O Texto é uma *prática significante*: “O significante não deve ser imaginado como “a primeira parte do sentido”, seu vestíbulo material, mas sim ao contrário, como seu *depois*; da mesma forma, o *infinito* do significante não remete a alguma ideia de inefável (de significado inominável), mas à de *jogo* (BARTHES, 2004d, p. 69, grifos do autor). Por outro lado, além da univocidade do signo, a própria noção de estrutura é colocada em xeque: menos que uma estrutura ou uma morfologia essencial dos textos, como a postulada por Vladimir Propp e extensamente citada por Barthes

8 Retomemos a definição do *Curso de linguística geral*, que deixa clara a indivisibilidade dos polos sgnicos: “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos [*conceito e imagem acústica*] estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2006, P. 80).

em sua promoção da análise estrutural, o que se veria é uma desestruturação contínua – como se lê no longo debate contido em *S/Z* (BARTHES, 1992), em que o crítico aplica os novos métodos a uma leitura de Balzac:

Se quisermos estar atentos ao plural de um texto (por mais limitado que seja), devemos renunciar a estruturar esse texto em grandes blocos, como faziam a retórica clássica e a explicação escolar: não há construção do texto: tudo significa sem cessar e várias vezes, mas, sem delegação a um grande conjunto final, a uma estrutura derradeira (BARTHES, 1992, p. 45).

É possível também ligar a operação de tal cisão, com os signos e com as estruturas, ao desenvolvimento em paralelo das outras pesquisas estruturalistas, sobretudo a de Jacques Lacan – aludido por Kristeva em sua remissão a uma “cadeira significante” – e a de Derrida – note-se, duas citações atrás, a aproximação entre a semiologia estruturalista e uma “metafísica do sentido”, criticada por Barthes, ecoando parte do argumento da *Gramatologia* (DERRIDA, 1973) – já referida aqui. A crítica, portanto, vem de dentro do próprio movimento, como se faz questão de explicitar em uma entrevista de 1971:

A partir dessa situação de fato, se existe um discurso que inclui o discurso da ideologia, é o da semiologia que, sendo uma ciência dos signos, não pode avançar senão pela crítica dos signos, portanto de sua própria linguagem [...] Mas o único trabalho válido a esse respeito só se pode fazer no interior da semiologia, como *crítica semiológica da semiologia* (BARTHES, 2004b, p. 153, grifos nossos).

O Texto e a significância trabalham a língua e a língua retrabalhada devolve ao estudo de seus signos uma imagem dessemelhante, desequilibrando as relações entre ciência e objeto. Se a semiologia inicial tinha por objetivo ler as coisas do mundo enquanto signos, a interposição dessa nova perspectiva clama por outras abordagens; e à crítica da semiologia dentro da semiologia, com o Texto desmontando as estruturas e os conceitos por dentro da própria maquinaria teórica, se dará o nome de *semioclastia*.

4. Da semioclastia por fim: as solicitações do ruído e a desconstrução da linguística

A primeira aparição desse estranho termo no escopo da reflexão barthesiana surge já com as *Mitologias*, ainda que em um prefácio escrito posteriormente à edição original – e essa volta que une princípio e fim, como uma serpente que morde a própria causa, confirma a imanência da crítica. Aí, retomando os objetivos de seu livro ao abrir as intenções e caminhos teóricos tomados em sua formulação (a soma da crítica ideológica com o aparato conceitual linguístico), Barthes (2013, n.p., grifo nosso) se sai com essa: “Não haverá denúncia sem um instrumento de análise preciso; só haverá semiologia se esta finalmente se assumir como uma *semioclastia*”.

“Finalmente se assumir”; e a partir dessa colocação podemos inferir que Barthes sempre entendeu na semiologia potencial para ultrapassar seus próprios limites enquanto ferramenta

de leitura, na direção de um “instrumento mais preciso”, que estabeleça uma análise mais direta e singular com seus objetos. Afinal, não é isso que se encontra no próprio sentido desse neologismo da semioclastia? Exercício etimológico, como um dos tão caros a Barthes, une aí os termos gregos para “signo” (*semeion*) e “quebrar” (*klastein*), mantendo relação, por exemplo, com a “iconoclastia”, ato de recusa aos ícones e às imagens sacras. Mas para além de tal ato de aversão/destruição, interessa destacar a relação imanente e indissociável entre o polo dos signos e seu ato de leitura: só haveria semiologia na presença de signos particulares, e ela só se efetiva se entrar em contato com suas minúcias internas, reveladas no ato de fissão. Essa postura se torna mais explícita com o já referido ensaio *A mitologia hoje*: diante da absorção da mitologia (e da própria semiologia) pelo senso comum e pelo poder, o ato radical de abjurar, em conjunção à necessidade de seguir interrogando os fenômenos de significação, leva à mudança de perspectiva. Na esteira de uma especificidade metodológica despertada com o Texto, “não se trata de revelar o sentido (latente) de um enunciado, de um traço, de uma narrativa, mas de fissurar a própria representação do sentido” (BARTHES, 2004d, p. 78). Se o signo se encontrava já cindido em seu pensamento, agora é o próprio processo produtor de sentido que vira mosaico – daí a solicitação desse novo nome: “À ‘mitoclastia’ sucede, muito mais ampla e levada a outro nível, uma ‘semioclastia’ (BARTHES, 2004d, p. 79)

A mais bem-acabada construção dessa epistemologia semioclástica (ou semioclastia epistemológica) se encontra na suma teórica da *Aula* (2013a). Ali se resgata e se reabilita a semiologia e seus termos clássicos (afinal, Barthes assumia à época a disciplina de *Semiologia Literária* do Collège de France), reformados nessa ânsia desconstrutiva. Se a discussão aí reabilita também a ideia de literatura – que Perrone-Moisés (2013) entende como forma final do trânsito das noções de “escritura” e “Texto” –, só o faz reconhecendo nela “sua força propriamente semiótica, [que] consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram” (BARTHES, 2013 p. 29-30). O papel da semiologia, no que vertida em semioclastia, passa a ser menos o de uma leitura formalizante das estruturas dessa maquinaria, do que a coleta e o mapeamento do movimento dessas engrenagens furiosas, sua fuligem e sua faísca. A semioclastia passa a ser, de certo modo, o estudo das “impurezas” e dos restos, o lixo resultando do processo de cisão dos signos – movimento visto, por exemplo, no resgate do processo semiótico da conotação, vilão das *Mitologias*. O que era anomalia ou má-fé, mas entendido agora como ferramenta de estabelecimento e leitura do plural do sentido: “Funcionalmente, a conotação, gerando por princípio o duplo sentido, altera a pureza da comunicação: é um ‘ruído’, voluntário, cuidadosamente elaborado, introduzido no diálogo fictício entre o autor e o leitor, enfim, uma

9 E nisso se compreende o lugar da literatura em Barthes não enquanto gênero de escrito, sinônimo de ficção ou afins, mas mesmo uma composição de linguagem que destaca sua própria significância – distinção pouco presente nas interpretações posteriores do pensamento barthesiano, e importante de ser colocada no âmbito da Comunicação, abrindo o horizonte da área a outras práxis e atos de enunciação. Veja-se: “Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, [...] mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 2013a, p. 16).

contracomunicação” (BARTHES, 1992, p. 43, grifos nossos)¹⁰.

Contra a pureza, a favor de uma outra imagem dos atos de enunciação e comunicação: dessa noção de uma semioclastia responsável por desmontar a máquina do sentido, sem travas ou segurança, tendo os fragmentos e os ruídos como objeto primário de análise (e não mais como alvo apenas de crítica, mas compreendidos em uma potência dialógica), uma “rumorologia”¹¹, se sai uma nova concepção da língua, distante da Linguística tradicional e seu estudo de sistemas estáveis e suas constantes. É o que leva Barthes a sacudir o tabuleiro e se colocar frontalmente contra Barthes, aquele que prezou pela fórmula saussureana da relação entre Linguística e Semiologia – aqui retomado, outra vez subvertida: “Em resumo, quer por excesso de ascese, quer por excesso de fome, escanifrada ou empanzinada, a linguística se desconstrói. É essa desconstrução da linguística que chamo, quanto a mim, de *semiologia*” (BARTHES, 2013a, p. 31, grifo do autor). Perceba-se a distância dos *Elementos de semiologia* e da caricatura de Barthes (não de todo injusta) daí originada: se a Linguística ainda possui certa premência sobre a Semiologia, já que é ela o sujeito a se desconstruir, não se trata mais de uma visão hierárquica, ocupada em submeter todo ato de significação às regras da linguagem, mas compreendê-los mesmo naquilo que *escapa*. Veja-se, a exemplo, o modo como o interesse por objetos não-linguísticos no fim de seu obra – como as explorações da pintura e da música em *O óbvio e o obtuso* (BARTHES, 1990) ou o estudo da fotografia em *A câmara clara* (BARTHES, 2011) – não os restitui aos sistema da Linguística, mas cria outros modos de abordagem por meio de uma desconstrução: do signo da voz, interessa a depuração até o grão (BARTHES, 1990); do signo fotográfico, mesmo o significante é por sua vez cindido em outras unidades, *punctum* e *studium*, em uma multiplicação do modos de significação (BARTHES, 2011). Interessa, frisamos, nessa fragmentação aquilo que escapa, e ao escapar retorna à própria língua, alterando seus sistemas: “e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 2013a, p. 17).

De volta ao teatro, enfim, e como um rígido diretor, alterar as marcações e posições dos atores até se chegar a algo novo. Se esse pensamento é guiado pela dureza e belicismo da dramaturgia de Brecht, faceta reconhecida aqui, o encaminhamento se torna mais próximo da poética e estilização extrema de outra vertente teatral querida por Barthes, o *kabuki*¹², como quando se define a semiologia – semioclastia – como a operação de “usar o signo como um véu

10 Se a ideia que Barthes possui, em geral, da Comunicação flerta com certo senso comum, tomando a palavra como sinônimo de “transmissão” ou “entendimento”, a semioclastia parece apontar em uma visão mais aguda. Já na *[Teoria do] Texto* afirma: “Ninguém pode pretender reduzir a comunicação à simplicidade do esquema clássico postulado pela linguística: emissor, canal, receptor” (BARTHES, 2004a, p. 270). Dessa recusa, nasce o projeto de substituir tal esquema pela noção contracomunicativa, escrita em uma “língua volumosa” (p. 271), levando também em conta – e sobretudo – as contradições internas do desentendimento.

11 A imagem do ruído contracomunicativo de *S/Z* (BARTHES, 1992) faz lembrar a ideia de um *rumor da língua*, presente no ensaio de mesmo nome (BARTHES, 2004d), o tremor significante que indica o funcionamento da máquina linguística para além do mero sentido denotado; e é a esse rumor que a pesquisa semioclastica conclamaria.

12 Gênero de encenação tradicional japonês, notório pela estética dramática, com figurinos e maquiagens fortemente marcados.

pintado, ou ainda uma ficção” (BARTHES, 2013a, p. 42). Ao fim e ao cabo dessa disputa, como em um jogo de máscaras, se vê que Roland Barthes nunca foi aquele que se imagina, ao mesmo tempo em que nunca deixou de ser.

5. Considerações: rumo às explorações semioclásticas

Quando Barthes (1992) afirma o trabalho de análise do Texto como nada além de uma decomposição, operada na escrita de um comentário que, recusando a totalização, opera na minúcia e nas fraturas, cria uma imagem singular da crítica (e mesmo daí nossa insistência em chamá-lo por “crítico”, recusando os rótulos de “semiólogo”, “linguista”, “pensador”, etc.). É nessa mesma direção que se tentou o desmonte do próprio signo barthesiano aqui neste artigo; e aí que *Roland Barthes contra Roland Barthes* é contra como na contracomunicação, o desvelar de bonecas-russas que contém dentro si tanto suas teses e antíteses – ou deveríamos falar em argumentos e contra-argumentos, respeitando a rejeição barthesiana da dialética? O caminho da semiologia à semioclastia não é, em absoluto, teleológico: os traços que vão de um ao outro se encontram deslizados ou invertidos, e, recusando o lugar de síntese, os instrumentos semioclásticos aqui propostos parecem mais o início de uma nova cadeia.

Assim é que nosso objetivo com esse traçado foi, ao mesmo tempo, de um resgate e de uma proposição. Resgate de um pensamento semiótico (semioclástico, enfim) que, cremos, se encontra subaproveitado e tipificado: nas atuais discussões de Semiótica, enquanto uma curiosidade passada; nos debates de comunicação, reduzido a seus estudos de produtos midiáticos. E a proposição de uma leitura a contrapelo de suas proposições, que o retirasse do lugar estabelecido de “difusor da semiologia”, indo encontrar em suas próprias palavras uma saída original a solicitações de reflexão e métodos presentes de forma tão contemporânea, ainda. A exemplo, acreditamos que a ideia de semioclastia aí definida pode fornecer respostas potentes à problemática dos aspectos políticos envolvidos nas semioses da Comunicação: uma política da língua (*contra* a língua, ou, mais precisamente, certos modos de uso da língua) capaz de, a um primeiro momento, identificar os usos fascistas¹³ da linguagem, na sua negação do plural e do jogo; e, a partir disso, operar deslizamentos e inversões, “entrar no jogo e sabotar suas regras do interior” (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 74). Como um dos heróis particulares de Barthes, Stéphane Mallarmé, evocado em uma aguda passagem sobre tal embricamento linguístico-político: “‘Mudar a língua’, expressão mallarmeana, é concomitante com ‘Mudar o mundo’, expressão marxiana: existe uma escuta política de Mallarmé, daqueles que o seguiram e o seguem ainda” (BARTHES, 2013a, p. 25). Ao abrir ouvidos a essa escuta, a semioclastia pode auxiliar demais pesquisas que entrevejam tais nós.

Nesta senda e em afins, é que as proposições aqui delineadas ressoam como um plano-piloto, ou ainda, primeiro movimento de um plano de ataque, indicações ao desenvolvimento

13 Como na célebre passagem de *Aula* (BARTHES, 2013a, p. 14): “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”.

dessa semioclastia barthesiana nas suas potências de oferecer novos modos de abordagens de problemas e objetivos semióticos/comunicacionais. Qual a validade da manutenção de uso do signo fonológico-linguístico? Alterando a concepção de signo, somos levados a entender de modo diferentes os objetos: assim, a visada metodológica deve levar em conta as constantes ou as anomalias dos fenômenos, música ou ruído? Como pegar no ato as enunciações do poder na fala, suas injunções fascistas? Questões que perpassam o estabelecimento de uma visada semioclastica e devem – é esta nossa bandeira – ser exploradas a partir de então, por outras pesquisas e abordagens, testando mesmo a validade dessas notas e apontamentos aqui amealhados. Não passa – para ficarmos com a imagem desse jogo, sempre tão cara a Barthes – do início de uma brincadeira de passar o anel.

Referências

- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013a.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, Roland. **Inéditos**, v. I: Teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013b.
- BARTHES, Roland. **O grão da voz: entrevistas, 1961-1980**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004d.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BOCCA, Francisco Verardi. Roland Barthes: um semiólogo nômade. **Revista de Filosofia**, Curitiba, v.15, n.17, p.11-27, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rf?dd1=112&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em 30 nov. 2017.
- CALVET, Jean-Louis. **Roland Barthes: um olhar político sobre o signo**. Lisboa: Vega, s/d.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**, v. I: o campo de signo – 1945/1966. São Paulo: Edusc, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOTTA, Leda Tenório da. **Roland Barthes: uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Com Roland Barthes**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROBBE-GRILLET, Alain. **Por que amo Barthes**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro da. Lição crítica: Roland Barthes e a semiologia do impasse. **Alea**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.65-78, jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 nov. 2017.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de saturno**. Porto Alegre: L&PM, 1986.